



“BISPO VERMELHO MOVE-SE À ESQUERDA”: SACERDÓCIO DE DOM HÉLDER CÂMARA ENTRE OS MARGINALIZADOS DOS MOCAMBOS DO RECIFE.

VINÍCIUS BARROS DA SILVA

RESUMO

Este artigo tem como proposta a discussão sobre a presença de Dom Hélder Câmara entre os mocambos recifenses, no período que se estende entre o ano de 1964, quando de sua elevação à Arcebispo de Olinda e Recife, alcançando os últimos anos de sua direção na igreja. Visando uma análise estrutural acerca de qual igreja o Bispo Vermelho defendia, analisei questões como a origem dos mocambos, a desigualdade social e os confrontos do padre com a elite no período ditatorial brasileiro, além da relação da igreja e do povo após o advento da Teologia da Libertação, como também apontar a quebra do progressismo religioso com o advento do bispado do sucessor de Dom Hélder, Dom José Cardoso Sobrinho.

Palavras-chave: Dom Hélder Câmara; luta de classes; marginalização recifense; mocambo; habitação; teologia da libertação; Ditadura Militar.

ABSTRACT

This article aims to discuss the presence of Dom Hélder Câmara among the mocambos of Recife during the period extending from 1964, when he was elevated to Archbishop of Olinda and Recife, through to the final years of his leadership in the church. With a focus on a structural analysis of the type of church the “Red Bishop” defended, I examined issues such as the origin of the mocambos, social inequality, and the confrontations between the priest and the elite during the Brazilian dictatorship, as well as the relationship between the church and the people following the advent of Liberation Theology. Additionally, the article points out the break in religious progressivism with the rise of Dom Hélder’s successor, Dom José Cardoso Sobrinho, to the bishopric.

Keywords: Dom Helder Câmara; class struggle; Recife’s marginalization; hut; housing; liberation theology; Military dictatorship.



INTRODUÇÃO

Durante sua formação, a cidade do Recife foi palco das mais diversas lutas de classes. A Insurreição Pernambucana no período neerlandês, a Guerra dos Mascates - confronto entre os comerciantes e a aristocracia olindense -, e até a Revolução Pernambucana de 1817, são exemplos vivos dessa predisposição revolucionária na terra dos altos coqueiros. Tal predisposição não esvaiu com a chegada da segunda metade do século XX. Com uma desigualdade específica em tempo e espaço, o povo marginalizado recifense teve um grande defensor: Dom Hélder Câmara, chamado de Bispo Vermelho, líder católico que assumiu o arcebispado da Arquidiocese de Olinda e Recife em 1964, ano inicial do período do Regime Militar brasileiro.

Sua imagem até os dias de hoje é marcada no imaginário popular como uma aproximação do sagrado ao povo invisibilizado, cujas casas, após processo enraizado de exclusão, eram os mocambos, pequenos casebres levantados de barro ou madeira. Moradia insalubre. Não só a isso, mas trouxe também a reflexão ao Recife - com um grande ecoar em todo território brasileiro e até internacional - do Cristo na lama. Mostrava ao mundo o sagrado nos meios periféricos, vivendo dentro da lama das favelas. Neste cenário de marginalização humana, onde - na letra de “A Cidade” de Chico Science - “o de cima sobe e o de baixo desce”, a presença do sacerdote foi crucial na luta pela libertação das amarras da desigualdade. Na prática: alimentar os famintos, dar emprego para o desempregado, um lar para quem não tinha condições, respeito e dignidade à parcela vivendo em situação de extrema pobreza. Uma intrincada luta de classes.

A presença do padre no meio do povo foi crucial para a criação das raízes da Teologia da Libertação; o despertar da esperança dos que sofriam por mazelas sociais e, entre outras coisas, para resoluções reais e práticas na vida dos mocambeiros. Destes moradores de mocambos, da luta de classes recifense e deste sacerdote é que se trata este artigo. Como o sacerdócio daquele padre lazarista influenciou a vida dos periféricos da cidade do Recife, qual o contexto que alicerçou suas ações e mais: quais implicações tiveram essas ações na trajetória de Hélder Câmara em tempos de repressão ditatorial.

Perpassando um cenário de constantes desigualdades sociais, envoltas parede e meia com o capitalismo que ampliava seus espaços de influência na cidade gerando a busca pela modernidade e exclusão em massa, além de confluir com um momento de dificuldades democráticas sérias, o Recife invisível - aquele escondido na lama, no mocambo, na fome, na miséria - recebeu a voz que tanto precisava para gritar contra toda injustiça social. Em abril de 1964, em pleno início da tomada do poder do Brasil por parte das Forças Militares - subida à presidência do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco - a Arquidiocese de Olinda e Recife recebia o também cearense Hélder Pessoa Câmara, dado à recente



morte em março de Dom Carlos Gouveia Coelho. O pequeno padre desenvolveu nestas terras não um trabalho assistencialista, mas uma verdadeira frente de resistência junto aos marginalizados que viviam insalubrememente nos recantos da cidade.

QUEM FOI HÉLDER PESSOA CÂMARA?



Hélder Pessoa Câmara nos tempos de seminário. Foto: PUC-Rio.

Nascido no dia 7 de fevereiro de 1909 na cidade de Fortaleza, capital cearense, Helder foi um dos filhos de João Eduardo Torres Câmara Filho e de Adelaide Rodrigues Pessoa Câmara. De criação católica, desde cedo despertou nele a vocação pelo sacerdócio. Segundo Lucy Pena Neta em seu livro intitulado “O Dom da Leitura: Helder Câmara e suas bibliotecas”, a influência do então garoto veio de sua mãe, Dona Adelaide. Ordenado padre a 15 de agosto de 1931 por Dom Manuel da Silva Gomes, na Igreja da Prainha em Fortaleza, tornou-se sacerdote da Ordem dos Lazaristas, sociedade religiosa fundada por São Vicente de Paulo, também conhecida como Congregação da Missão. Segundo CORDEIRO (2015), o estabelecimento destes religiosos no Estado do Ceará se dá a partir de 1864, quando da vinda dos padres Pierre August Chevalier e Lorenzo Vincenzo Enrile, respondendo a solicitação feita por D. Luís Antônio dos Santos.

Tendo escolhido desde jovem a causa do povo, se enveredando a um número vasto de leituras sociais, as quais o levou a ir de contramão ao ensino teológico do seminário, cuja visão era a da defesa do capitalismo, Helder começou sua vida como religioso dando suporte aos menos favorecidos cearenses. Foi nesse início já inserido no meio progressista com a sua ação ao lado da juventude operária. Segundo (PILETTI e PRAXEDES), o Pe. Hélder fundou “o movimento Sindicalização Operária Católica Feminina, com o objetivo de reunir as lavadeiras, engomadeiras, domésticas, cozinheiras, amas e copeiras da cidade”. Além disso, a Juventude Operária Católica, conhecida como o jocismo, foi por ele elaborada. Dito isto, este fragmento biográfico evidencia a atuação do padre na luta ao lado do



proletariado cearense. Período anterior a sua presença no Estado do Rio de Janeiro.

Quando de sua nomeação para o cargo de bispo auxiliar do Rio de Janeiro, então capital brasileira, em março de 1952, já passados vinte e um anos de sua ordenação, um novo esteio de ações estava por ser iniciado. Estando na função há três anos, o bispo criou a Cruzada São Sebastião, movimento de urbanização das favelas cariocas que teve auxílio do Presidente da República Café Filho e outras várias lideranças civis e eclesiásticas.

Com uma pauta bastante semelhante às defendidas posteriormente já no Recife - tratadas aqui a posteriori -, Câmara se posicionou contra uma vida insalubre nas favelas. Suas críticas no Correio da Manhã do dia 8 de novembro de 1955 evidenciam essa similaridade quando confrontado com crônicas na capital recifense na década de 1970 a 1980.

Vivem os favelados do Rio em situação infra-humana, nos barracos infectos, sem água, sem luz, sem esgoto, onde é quase impossível um trabalho de educação autêntica e de verdadeira vida cristã.

Correio da Manhã, 08/11/1955.

Quando assumiu o arcebispado de Olinda e Recife, Hélder Câmara já havia alcançado vasta maturidade sacerdotal, dado os vários anos nas atividades eclesiásticas em território cearense e carioca, além de já estar há muito entronizado em sua luta maior, a extirpação da estruturada injustiça social que a cada dia estendia suas raízes sobre a população menos favorecida economicamente.

A GENEALOGIA DO MOCAMBO

O cenário em que o sacerdócio de Hélder Câmara desempenhou verdadeiro campo de missão para irmandade, paz e justiça, foi entre os marginalizados, junto a parcela popular menos favorecida dos mais simples direitos elementares como trabalho, educação, saúde e segurança. Viviam eles silenciados dentro de mocambos insalubres. A moradia tão conhecida entre os moradores dos altos e dos córregos de Recife nasceu de um processo gradual e secular de exclusão. Seu costado remete aos velhos troncos do período açucarocrático colonial pernambucano.

Sendo um total de 120.000 mocambos dentro do município do Recife no ano de 1960, dado apontado em artigo intitulado “A construção cultural de um tempo: o Recife na década de 1960 e suas representações” (RIBEIRO e PONTUAL), a maior parte dos seus moradores estavam na mira da desigualdade social, esta profundamente combatida pelo então novo Arcebispo de Olinda e Recife.



Alicerçado no conceito marxista de lutas de classes, onde temos a figura do capitalista como o dono dos meios de produção, e do proletariado como a mão de obra para os negócios dos primeiros, o mocambo recifense - a morada dos invisíveis da sociedade -, situados principalmente na região onde hoje se compreende a zona norte da capital, é fruto da avoenga exploração colonialista portuguesa. Chegando em solo brasileiro - este ocupado há séculos pelos povos indígenas -, a visão que se estabelecia era puramente comercial. Sendo Portugal uma afamada nação mercantil e extrativista, os colonizadores viram nessas terras uma forma potencial pela qual poderia ter um rápido acúmulo de riquezas.

Este avoengo ramo genealógico colonialista foi responsável pela morte e exploração de milhares de nativos e de africanos, estes que após o processo diaspórico foram tomados como mercadoria, servindo de mão de obra para os interesses econômicos da aristocracia pernambucana - lê-se senhores de engenho - , filhos do colonialismo lusitano.

O funcionamento diário do engenho de cana de açúcar remetia uma enorme demanda de serviço braçal, e isto foi cristalinamente normatizado na sociedade. Segundo PRADO (1940) “em 1590, havia sessenta engenhos a produzir em Pernambuco, com um fabrico de 198 mil arrobas de açúcar por ano”. Um aumento significativo considerando a existência dos cinco “moentes e correntes” no ano de 1526, ou seja, em apenas sessenta e quatro anos o número de engenhos cresceu mais de dez vezes.

É natural e mesmo lógico que, dentro de condições assim, dois grupos sociais se formassem. Um, minoria senhorial, doutorada e sempre privilegiada. Privilégios de sesmarias, de títulos, de comendas, de fabricantes de açúcar sem o fabricar, de casa grande e sobrados.[...] O outro, maioria nascida preada, caçada, desterrada, recalçada e explorada. Sem privilégio de espécie alguma durante séculos Dependendo da bondade do senhor. Plantando cana, morando em mocambo, esperando escolas.

BEZERRA (1965).

Os engenhos de cana eram de estruturas com elevado grau de complexidade, requerendo alto nível de trabalho árduo para sua manutenção diária, fato que potencializava a exploração degradante dos escravizados. Após extenso processo de verdadeira relação parasitária da classe dominante contra a classe dominada, quando 1888 foi abolida por lei a escravidão em território nacional, os egressos das senzalas não tiveram acobertamento por parte do poder público. Marcara-se assim o nascimento dos marginalizados recifenses, não diferente dos demais Estados do país. Estes, não sendo assistidos, tiveram severamente negado o direito de educação, de professar sua religiosidade, de possuir por vias legais um

pequeno pedaço de terra para morar e plantar algo para sobreviver. Tendo sido subtraídos todos os seus direitos, os remanescentes viram os alagados do centro da cidade e os altos e córregos dos subúrbios como lugar de estabelecer suas residências.

Plantavam para comercializar, trabalhavam como mascates ou eram empregados em alguma das várias indústrias têxteis que passaram a surgir nas primeiras décadas do século XX. Construíram assim seus mocambos de barro¹⁴, tendo como cobertura geralmente a palha e as telhas de zinco.

A figura do mocambo traz também à sua volta as ações republicanas de caráter sanitaria. No ano de 1939, a Liga Social Contra o Mocambo tomou forma no governo de Agamenon Magalhães, trazendo aos moradores de palafitas e casas de taipa a expulsão para lugares mais à porção norte da cidade onde estavam localizados os subúrbios; a exemplo bairros como Água Fria e Casa Amarela. Sendo assim, houve um distanciamento dessas pessoas para terras devolutas¹⁵ - ou quase - e de difícil situação estrutural, trazendo dificuldades pelo distanciamento e pela inexistência da presença de fatores indispensáveis para a vida digna, como o acesso à água, saúde e à segurança.

Nesse contexto sociopolítico, onde a invisibilidade era mais um estigma cotidiana, foi urgente a necessidade de ações do Poder Público até então em letargia.

DESIGUALDADE RECIFENSE E CONFRONTOS COM A ELITE



Dom Hélder no Recife. Foto: Cittanuova.it.

¹⁴ Em alguns casos, como no do bairro de Córrego do Jenipapo, a vida em mocambos ainda era caracterizada pela negativa de proprietário de terras em que houvesse uma melhoria da estrutura da casa. Foi por muitos anos do século XX negado que os moradores fizessem reformas em alvenaria, estando - quem desobedecesse - sujeito a ações de cunho de força, podendo perder a intervenção feita ou mesmo a casa.

¹⁵ É o caso do processo de habitação extensiva no grande bairro de Casa Amarela, abrangendo os altos e córregos remanescentes do antigo Engenho São Pantaleão do Monteiro. Sendo afastados dos alagados do centro pela Liga Social Contra o Mocambo, chegando nesta nova terra, houve questões fundiárias que deram início ao movimento Terras de Ninguém, encabeçados pelos moradores juntamente com a força de vários nomes do clero católico, adeptos da Teologia da Libertação, e do meio político. Nomes como Miguel Balestra, Adriano Jansen e Reginaldo Veloso estão como um dos principais desenvolvedores da luta pela terra na grande Casa Amarela. Para mais, leituras como o “Casa Amarela: memórias, lutas e sonhos” do Professor Antônio Montenegro e “Inventário Participativo do Patrimônio Material de Casa Amarela”, da arqueóloga Pollyana Calado de Freitas, são essenciais para a interpretação da habitação daquele bairro.



Não apenas na esfera fundiária era marcada a vida dos periféricos recifenses cuja ação do bispo era constante, a desigualdade era encontrada em todos os aspectos da vida. A fome, o analfabetismo e o vício são verdadeiras irmãs do mocambo, andando lado a lado com sua “linhagem genealógica” traçada anteriormente. Filhas do mesmo pai parasitário e do avoengo colonialista. Essas mazelas sociais eram o que tornavam os moradores de mocambos o “*Cristo na Lama*” nos dizeres do bispo. Presente em uma das inúmeras crônicas do sacerdote organizadas pela jornalista Tereza Rozowykwiat no “Meus queridos amigos: as crônicas de Dom Hélder Câmara”, uma inversão de perspectiva é notada como uma clara crítica ao modo pelo qual se tratavam os moradores de favelas, figuras invisíveis aos olhos de quase todos.

No ano passado, em nossa cidade, um ladrão entrou numa igreja, abriu o Sacrário, levou as ambulas em que estavam hóstias consagradas. Mas o que interessava a ele eram as ambulas, com o interior banhado a prata ou ouro... As hóstias consagradas, ele as jogou na lama. Quando, horas depois, as hóstias foram encontradas, mergulhadas na lama, houve um arrepio na cidade. Que horror! Cristo na lama! Houve quem lembrasse uma procissão de desagravo. Foi quando sementei: Como somos cegos! Nós temos Cristo na lama, de modo permanente, em volta de nós! Quanto mocambo, quanto barraco que não merece o nome de casa e não raros mocambos, barracos mergulhados na lama!¹⁶

(ROZOWYKWIAT, 2016)

No esteio marxista, as assertivas ações luta-classistas pregadas e praticadas pelo sacerdote são vistas com profunda consonância ao sine qua non da teoria de Marx e Engels. A elaboração do conceito de luta de classes é clara quando diz que “Os proletários nada têm a perder a não ser seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!” (MARX e ENGELS, 1848).

Para além do território brasileiro o Dom Hélder punha em pauta as diversas questões que o país enfrentava através das várias oportunidades que tinha em conferências internacionais. Em uma dessas ocasiões, como nos aponta o Diário de Pernambuco publicado no dia 29 de julho de 1970, Câmara denunciou em alto e bom som em solo francês as torturas que vigoravam na terra natal. Dito isto, e comprovadamente sabendo pela historiografia do contexto em que se passava o Brasil, críticas ao bispo foram o que se chegou pelo professor José Lourenço de Lima, da Universidade Federal de Pernambuco. Segundo este, Hélder “apresentou o Brasil como uma masmorra onde só se praticam torturas”.

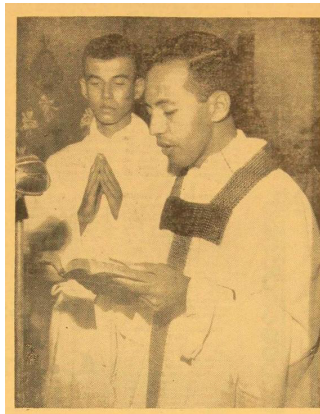
Com essa predisposição a pensar e agir pelos invisibilizados do período militar, Hélder presenciou e até ajudou a articular um cenário que possibilitou a resistência popular

¹⁶ Nota-se uma profunda semelhança entre esta crônica escrita em abril de 1974 do líder religioso com a passagem bíblica do Evangelho de São Mateus, capítulo 25, versos 35 à 40.



contra a constante injustiça. Integrando uma frente de luta antiditatorial, a trajetória do Bispo Vermelho foi marcada pela esperança pela causa democrática. Deu-se por sua posição contrária aos militares uma série de perseguições, ameaças de morte e até o assassinato político de um dos padres que comungava com suas ideias, o Padre Antônio Henrique Pereira Neto.

Para o padre Romano Zufferey, a morte de Padre Henrique foi “consequência do seu trabalho de conscientização e de evangelização da juventude estudantil, na linha da Igreja em renovação”. Tendo sido sequestrado em uma rural, o padre Henrique foi torturado e morto no dia 27 de maio de 1969 por motivos políticos. O corpo foi encontrado na Cidade Universitária. Sua ligação com o arcebispo indica ser um dos principais fatores do cruento assassinato.



Pe. Antônio Henrique P. Neto. Foto: Diário da Manhã, 30/06/1969.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A Teologia da Libertação é outro fator que traz um diálogo ao sacerdócio de Câmara na capital pernambucana. Presente na esfera nacional desde a década de 1970, rompe, segundo bem aponta Cejana Uiara Assis Noronha, em seu artigo “Teologia da Libertação: Origem e Desenvolvimento”, “conceitos tradicionais da Igreja institucional introduzindo na história da Igreja ideias de igualdade social e direitos humanos, reivindicando para si como herança os lemas: liberdade, igualdade e fraternidade advindos da Revolução Francesa”.

Seguindo o pensamento teolibertário, o bispo bem dialogou com seus conceitos. Como evidenciado em todo o trajeto biográfico, o olhar do sacerdote para as causas sociais - cuja luta primava pela igualdade e luta prática pelos que estavam em situação de vulnerabilidade -, a linha de defesa eram ambas iguais. Sendo um convicto defensor da



libertação dos oprimidos, o sacerdote continuou pelo resto de sua vida seguindo o Pacto das Catacumbas, movimento que defendia uma igreja mais ligada ao pobre e suas lutas de rompimento com a desigualdade.

A visão de um Deus apenas contemplável foi quebrada com esse novo conceito teológico. A inércia e passividade deram lugar à prática cristalina em serviço dos marginalizados.

Neste cenário de ascensão de pensamentos mais progressistas no meio eclesiástico, surgiram figuras marcantes dentro da esfera do subúrbio recifense e que marcaram o período final da presença de Dom Hélder Câmara como o Arcebispo de Olinda e Recife. Foi o caso do Pe. José Reginaldo Veloso de Araújo, pároco do Morro da Conceição, em Casa Amarela. Em uma escalonada série de ações antiditatoriais e pró-terras, esta relacionada a já referida luta popular intitulada “Terras de Ninguém”, o padre foi investigado pelo Serviço Nacional de Informações pelas suas composições musicais e sua defesa dos direitos dos moradores dos altos e córregos. Em defesa da igreja pobre, dos injustiçados e dos moradores de mocambo.

Nota-se assim, uma incisiva ação do Estado contra as manifestações do pensamento livre, da exposição de suas próprias ideias e uma visão religiosa mais voltada para o pobre, sendo esta a premissa da T.d.L. Em detrimento a isso, nota-se a ausência de políticas públicas fortes que viriam suprir a necessidade da dignidade humana. Ainda hoje, a Região Metropolitana do Recife carece de uma ação mais eficaz para a desmarginalização do povo pobre. Muitos ainda são os mocambos.

Outro fator de destaque no transcurso do ministério sacerdotal de Hélder Câmara em consonância ao progressismo da Teologia da Libertação é a acentuada crise que se instalara após a morte do Papa Paulo VI, no ano de 1978. A ascensão do Cardeal Karol Wojtyla - que adotara o nome de João Paulo II - foi marcada pelo conservadorismo. Com isso, quando da aceitação do pedido de aposentadoria de Dom Hélder Câmara em 1985, a Arquidiocese de Olinda e Recife recebeu como seu novo líder o carmelitano José Cardoso Sobrinho, sacerdote que objetivou, segundo COMBLIN “em desfazer não somente as obras feitas por Dom Helder, mas também de lhe destruir a memória histórica”. Sendo assim, o conservadorismo do novo arcebispo foi responsável pelo gradativo desmonte do progressismo teolibertário há muito instaurado no seio da igreja pernambucana.



CONCLUSÃO

Para concluir o presente artigo sobre a atuação de Dom Hélder Câmara entre os marginalizados dos mocambos de Recife, é necessário refletir sobre o impacto da missão teolibertária e de cunho mais que assistencialista de Hélder Câmara, além da relevância de suas ações no contexto contemporâneo. Uma vida que foi pautada na profunda ação popular, quebrando por vezes diversos paradigmas religiosos tradicionais, merece ser atenciosamente analisada e estudada pelas gerações sucessoras.

Dom Hélder Câmara, o “Bispo Vermelho”, - cujo falecimento se deu no ano de 1999, há vinte e cinco anos - deixou um significativo legado na história social e religiosa do Brasil. Sua dedicação em lutar contra as desigualdades e injustiças sociais em Recife, especialmente em tempos de ferrenha repressão ditatorial, marcou uma era de resistência e esperança para os marginalizados. Sua presença junto ao povo, sua coragem em desafiar as elites e a sua adesão à causa dos menos assistidos, transformaram-no em um ícone da luta pela dignidade humana e pela justiça social.

A análise da trajetória de Dom Hélder revela uma profunda conexão entre as lutas sociais e de até de classes do passado com as contemporâneas. Mesmo após décadas, as questões de desigualdade, exclusão e marginalização continuam a assombrar a sociedade recifense. Os “meninos de rua”, retratados em crônica de julho de 1974, continuam se pendurando nas traseiras dos ônibus e ainda hoje há quem se revolte não pelo “perigo sofrido pelos jovens” e sim por “horror ao ver meninos maltrapilhos, pendurados no ônibus, enfeitando a cidade”. As ações do “bispinho” ressoam não apenas como um exemplo de liderança moral e religiosa, mas também como um chamado à conscientização e ao engajamento em prol daqueles que pouco têm e que vivem vidas indignas para o ser humano.

Neste sentido, o legado de Dom Hélder Câmara transcende seu tempo e espaço, assim como o esteio cristão, oferecendo lições valiosas para as gerações presentes e futuras. A luta pela justiça, pela igualdade e pelo respeito à dignidade humana são causas atemporais, laicas e a vida de Dom Hélder permanece como um testemunho da importância de se posicionar ao lado dos oprimidos. Em um mundo ainda marcado por profundas desigualdades - frutos de uma complexa e cruenta árvore genealógica, a mesma que originou os mocambos - seu testemunho de compaixão com os pobres, solidariedade e resistência serve para inspirar novas ações que possibilitam a esquematização de políticas públicas - e de iniciativa privada - com o intuito de não apenas dar assistência aos marginalizados, mas também dignidade de vida.



REFERÊNCIAS

- A. PEREIRA DA COSTA - Origens Históricas da Indústria Açucareira de Pernambuco. Revista dos Arquivos da Prefeitura do Recife. Páginas 261 a 266;
- BEZERRA, Daniel Uchoa Cavalcanti. Alagados, mocambos e mocambeiros. Imprensa Universitária, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965;
- DIÁRIO DA MANHÃ, 30 de junho de 1969, página 5;
- CORDEIRO, Pryscylla. “ECCE EGO, MITTE ME: OS LAZARISTAS FRANCESES E O PROJETO ULTRAMONTANO NO CEARÁ (1864-1891).” Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR, Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015, pp. 977-988;
- DONEGANA, Costanzo. Il sogno di dom Hèlder. Città Nuova: Cultura e informazione. 16 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.cittanuova.it/il-sogno-di-dom-helder/?ms=004&se=028>;
- ENGELS, Frederich, MARX, Karl. Manifesto do Partido Comunista (1848). In: Marx-Engels: Textos. v. 3. São Paulo: Edições Sociais, 1982;
- FERREIRA, Rafael Leite. O retorno ao conservadorismo: a posse de Dom José Cardoso Sobrinho e o desmonte eclesiástico na Igreja Católica em Pernambuco. Revista Angelus Novus, n. 3, p. 208-226, maio 2012;.
- FRAGMENTOS DE CULTURA , Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, jan./mar. 2012;
- JORNAL DO COMMERCIO. Ação Operária acha que Morte foi uma consequência. 31/05/1969;
- NETA, Lucy Pina. O Dom da Leitura: Helder Câmara e suas bibliotecas. Paulinas, 2021.
- PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. Editora Contexto, 2015;
- PRADO, J. F. de Almeida. Pernambuco e as Capitâneas do Norte do Brasil. Edição Brasileira. Página 147. 4. tomo. 1940;
- PROFESSOR CONDENA CAMPANHA CONTRA O BRASIL NA EUROPA. Diário de Pernambuco, Recife, 29 de julho de 1970, edição 177 (1), página 3. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pesq=%22Dom%20Helder%20Camara%22%20%22mocambo%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=6344 ;
- RIBEIRO, Cecília; PONTUAL, Virgínia. A construção cultural de um tempo: o Recife na década de 1960 e suas representações. ANPUH - XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA -



Londrina, 2005. 1. Acesso em 22.agost.2023;

ROZOWYKWIAT, Tereza. Meus queridos amigos: as crônicas de Dom Hélder Câmara. Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2016;

SERÃO URBANIZADAS TODAS AS FAVELAS DA CIDADE (em 12 anos). Correio da Manhã, 8 de novembro de 1955, edição 19209(1), página 3.